

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Pará teve um “campo de concentração”

Em Tomé-Açu funcionou um dos locais de isolamento forçado de imigrantes japoneses, alemães e italianos que existiram no Brasil no período, chamados na época de “campos de concentração”

TOMÉ-AÇU

Cintia Magno

Os conflitos que configuraram a Segunda Guerra Mundial já se desenvolviam na Europa quando o Brasil, em 29 de janeiro de 1942, decidiu romper relações diplomáticas com os chamados países do Eixo, formados pelo Japão, Alemanha e Itália. Distantes muitos quilômetros do epicentro dos embates que envolviam, do outro lado, protagonistas como a antiga União Soviética, Reino Unido e Estados Unidos, o Estado do Pará não deixou de sentir, em alguma medida, os efeitos da aliança do Brasil com os países que combatiam o nazismo, os chamados Aliados.

Em meio a um clima de tensão e de desconfiança contra imigrantes que viviam em Belém, o Pará foi o único da região amazônica a abrigar um dos 12 locais de isolamento forçado de imigrantes que existiram no Brasil no período, chamados pelos próprios periódicos e documentos oficiais da época de ‘campos de concentração’.

Distante cerca de 200 quilômetros da capital e cercado, à época, por uma floresta densa e acessível apenas pela bacia do rio Acará-Miri, o município de Tomé-Açu, que já era um núcleo de migração japonesa, teve um papel fundamental neste importante episódio da história do Pará. Foi lá, que, a partir do segundo semestre de 1942 até o fim da Segunda Guerra, em 1945, funcionou o campo de concentração de imigrantes japoneses, alemães e italianos na Amazônia.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP) e posteriormente transformada em livro, a publicação “Prisioneiros da Guerra: os ‘Súditos do Eixo’ nos campos de concentração brasileiros”, de autoria da historiadora Priscila Ferreira Perazzo, rememora a história do campo de concentração de Tomé-Açu, reforçando a todo momento que, apesar do termo usado, não se deve confundir os locais de isolamento compulsórios de imigrantes no Brasil com os campos de exterminio de judeus ocorridos na Alemanha durante a Segunda Guerra. A publicação reforça que os campos existentes no Brasil dizem respeito ao “afastamento social de indesejáveis por meio da prática de concentração e confinamento”.

De qualquer modo, o isolamento forçado destes imigrantes envolvia a perda da liberdade daquelas pessoas, a partir da constante vigilância por parte das autoridades policiais. “As garantias da cidadania do estrangeiro foram cerceadas; seus bens foram confiscados e a locomoção controlada, enquanto tinha o cotidiano vigiado e o acesso restrito às informações. A situação de opressão e perda das garantias individuais culminou com prisões e internamentos de cidadãos rotulados como ‘Súditos do Eixo’”, aponta Priscila Ferreira Perazzo na publicação, ao considerar a ex-



EM IMAGENS ① e ② Cercado, naquela época, por uma floresta densa, o hoje município de Tomé-Açu era acessível apenas pela bacia do rio Acará-Miri. FOTOS: IRENE ALMEIDA ③ Elton Vinícius Oliveira. FOTO: DIVULGAÇÃO

pressão também utilizada naquele período para designar alemães, japoneses e italianos que se encontravam no Brasil, na medida em que, em razão simplesmente de sua nacionalidade, eram considerados submissos aos ideais políticos de seus países de origem, fazendo com que fossem vistos como uma ameaça à segurança nacional.

Em sua pesquisa, a pesquisadora Priscila considera que nos diferentes estados brasileiros onde se formaram os chamados ‘campos de concentração’, havia a predominância do isolamento de imigrantes alemães. No Pará, porém, os imigrantes japoneses abrigaram o foco das ações. Com base em reportagens publicadas por periódicos da época, estima-se que tiveram sido enviadas 480 famílias japonesas, 32 alemães e algumas poucas famílias italianas a Tomé-Açu. Para que chegasse até o local, era necessário enfrentar uma viagem de mais de 12 horas por barco pelo rio Acará-Miri.

PESQUISA

“Foram poucas as situações de internamento de imigrantes no Brasil detectadas nesta pesquisa. O caso mais significativo ocorreu na Colônia de Tomé-Açu, no Pará, cujos membros foram confirmados no próprio local de moradia”, relata Priscila Ferreira Perazzo em “Prisioneiros da Guerra”. “Sob o pretexto de segurança nacional, tiveram que permanecer em suas residências, e aqueles que residiam em Belém foram rechilhos e conduzidos a Tomé-Açu e lá permaneceram sob o julgo das autoridades policiais que chegaram à região no intuito de vigiar os japoneses e garantir o confinamento da comunidade local”.



Informações dadas por ex-combatentes

A publicação também relata a existência do campo de concentração em Tomé-Açu e a maneira como as famílias viveram no local naquele período. O professor, que mantém estudos focados na antropometria relacionada ao processo de envelhecimento humano, explica que as memórias acerca da existência do campo de concentração em Tomé-Açu vieram à tona a partir dos relatos de ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, membros da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil Seção Pará (AECB-PA), entrevistados como parte de uma dissertação de mestrado que investigava sobre saúde e qualidade de vida nos períodos (pessoas acima de 80 anos).

Na ocasião, os relatos de alguns dos ex-combatentes expuseram perspectivas históricas sobre o Estado do Pará no período da guerra. “Eles foram informados para a gente e disseram que havia um campo de concentração no Acará, hoje Tomé-Açu. Nós até ficamos apreensivos, como assim um campo de concentração?”, lembra Elton. “Eles explicaram que era um local para onde eram destinados imigrantes japoneses, italianos e alemães que tinham aqui em Belém. Eles foram levados para lá por uma questão governamental porque, em Belém, as famílias deles estavam sofrendo retaliações por parte da população parense.”

Os relatos gravados e a pesquisa a documentos e

“Eles explicaram que era um local para onde eram destinados imigrantes japoneses, italianos e alemães que tinham aqui em Belém”

Elton Vinícius Oliveira, professor

Cenário marcado pela desconfiança

O professor aponta que o cenário de desconfiança, naquele período, fazia parte do cotidiano de Belém, bastando o parentesco com algum dos países considerados inimigos do Brasil à época – Japão, Alemanha e Itália – para o risco de retaliações.

“Nesse período que ocorreu essas medidas para salvaguardar esses imigrantes, ocorreu um episódio muito interessante: naquela época, em 1944 a 1945, começaram a detectar que tinham alguns navios mercantes que saíam daí da região de Belém e que estavam sendo afundados quando chegavam no litoral. Descobriram que havia um mendigo que ficava em uma mangueira frondosa e bem alta localizada na Praça Kennedy e que tinha um rádio de comunicação através do qual ele enviava informações para os submarinos alemães que ficavam à frente do Estado do Pará para bombardearem os navios mercantes que saíam daí dessa área de Belém”, relata Elton. “Então, era esse momento que o Estado do Pará, e Belém, viveu naquele período, de muita tensão e suspeita da população”.

Além das suspeitas contra os imigrantes, Belém ainda vivenciava um cenário de racionamentos, como registra o livro ‘Por Terra, Céu e Mar’.

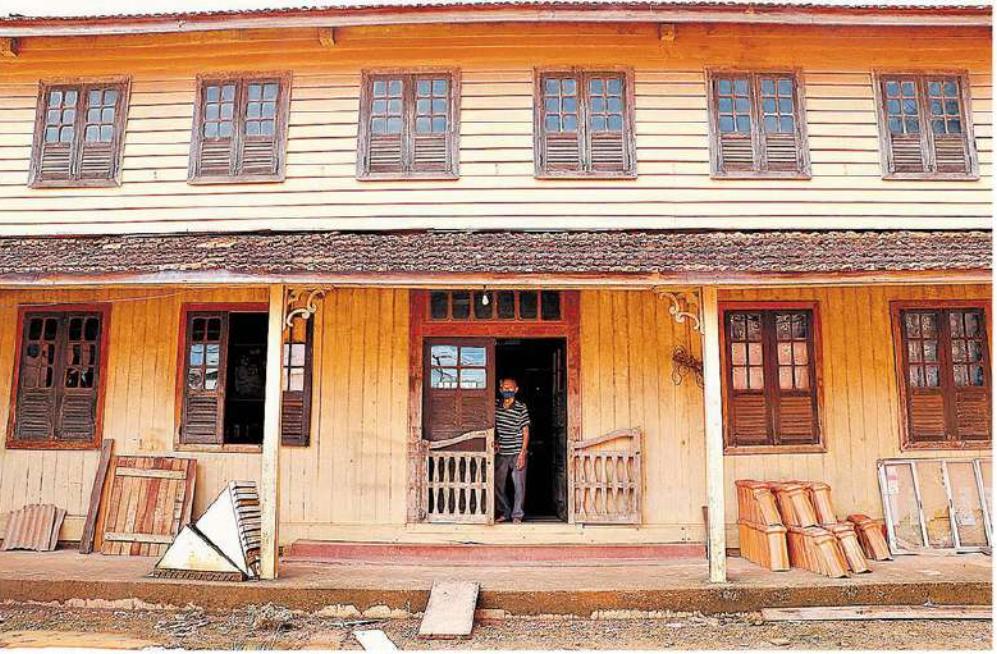
“Havia racionamento de combustíveis, tecidos e metais e, em particular, de gêneros alimentícios, muitos dos quais, como pão, carne, sal e açúcar só podiam ser adquiridos com cupons de racionamento, e houve até bloqueios (desligamento da energia elétrica à noite) com treinamento de sobrevivência, em preparação para possíveis ataques aéreos inimigos. A guerra teve, portanto, forte influência aqui”.

Em meio a todo esse cenário ocorrido em Belém, as famílias de imigrantes levadas ao Acará, hoje município de Tomé-Açu, permaneceram na chama “ospedaria” ou nas casas de outras famílias que já moravam na colônia até o encerramento da Segunda Guerra, em 1945, quando puderam sair da região.

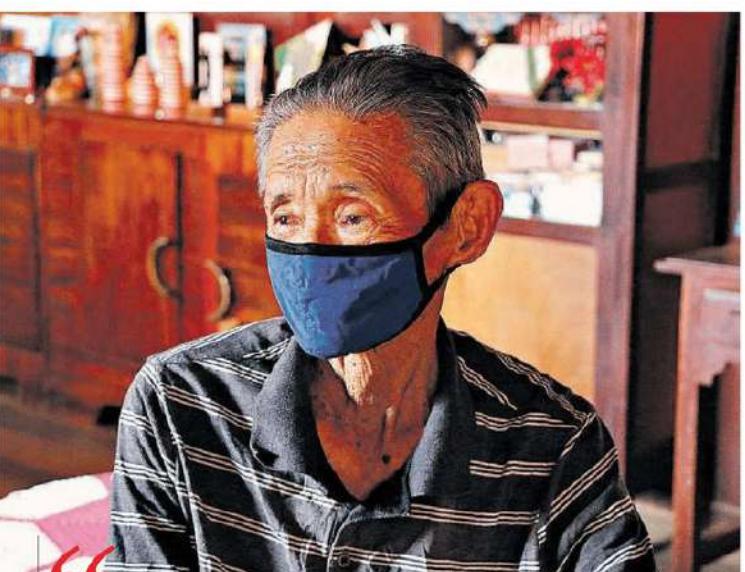
“Quando a gente falava em campo de concentração tem logo a ideia de hostilidade, como existia na Alemanha com os campos em que as pessoas, sobretudo os judeus, eram torturadas e mortas. Nesse caso de Tomé-Açu não tem nenhum registro de torturas físicas, mas o fato de as pessoas estarem sob privação de liberdade já configura, hoje em dia, um estado de tortura. Não acredito que se possa dizer que era responsabilidade do Estado, mas de um contexto social que aquelas pessoas viveram na época”, diz o professor.

Marco da existência do campo de concentração em Tomé-Açu, a ‘casa de concentração’ que abrigava as famílias isoladas no município no período da Segunda Guerra foi demolida há muitos anos.

Memórias dos momentos vividos naquela região



O agricultor Hajime Yamada relembra o início da migração de famílias japonesas para o hoje município de Tomé-Açu e do isolamento forçado de imigrantes FOTOS: IRENE ALMEIDA



“Abrigaram na nossa casa porque eles não tinham onde ficar. Cada uma família daqui de Tomé-Açu ficou com uma, duas famílias, durante a guerra”

Hajime Yamada, agricultor

“No tempo da Segunda Guerra nós sofremos um pouco”

Em meio à luta para a garantia da sobrevivência por meio da agricultura, as famílias que já habitavam a colônia agrícola foram surpreendidas quando, a partir da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a liberdade passou a ser cercada em Tomé-Açu. Já morando na região com sua família desde os anos 20, Hajime viu o município receber de famílias de imigrantes japoneses e alemães a partir de meados de 1942.

“Mais suas casas porque queimaram todas as casas delas em Belém para o isolamento no campo de concentração, ainda era preciso lidar com a vigília constante das autoridades policiais.

LIBERDADE
“Não tinha condições de sair daqui, ficava preso mesmo. Era delegado fiscalizando. Tanto prova que a gente não tinha liberdade. Se ajudasse três homens adultos, se fossem encontrados conversando, a polícia vigiava e levava preso”, lembra.

Não apenas as famílias levadas para o local, como as que já ocupavam a região passaram a não poder mais sair do local sem autorização do Governo, a ter suas correspondências censuradas pelos Correios, a não poder mais se reunir, a obedecer a um toque de recolher aplicado a partir das 21 horas e a enfrentar o racionamento de energia elétrica.

“Ah, no tempo da Segunda Guerra nós sofremos um pouco. As pessoas de Belém foram levadas todas para cá. Não tinham

mais suas casas porque queimaram todas as casas delas em Belém para o isolamento no campo de concentração, ainda era preciso lidar com a vigília constante das autoridades policiais.

“Nasci em Hiroshima, onde a bomba atômica acabou com tudo. Mas, a maioria prenderam”.

Todo esse cenário só se encerrou com o fim da Segunda Guerra, quando as famílias isoladas compulsoriamente no campo de concentração puderam, enfim, retornar para Belém.

Inclusive, nós ficamos com suas famílias aguentando, sustentando, durante um ano e pouco, até terminar a guerra. Abrigaram na nossa casa porque eles não tinham onde ficar. Cada uma família daqui de Tomé-Açu ficou com uma, duas famílias, durante a guerra”

“Nasci em Hiroshima, onde a bomba atômica acabou com tudo. Depois de 70 anos eu tive a oportunidade de visitar onde eu nasci. A minha irmã morava lá e me levou lá onde eu nasci, no interior de Hiroshima. Já estava tudo construído e recuperado”, conta.

“Agora lá no museu tem a foto das famílias que sofreram com a bomba atômica, queimadura. Uma coisa horrível”.

Apesar de duas irmãs terem permanecido no Japão, Hajime retornou para Tomé-Açu onde vive até hoje. Para ele, a visita fez reconhecer como acertada a decisão do pai de imigrar para o Brasil.

“Meu pai era rigoroso. Ele sempre dizia: ‘já que vim do Japão para trabalhar no Brasil, tem que se radicado aqui’. O brasileiro dizia que a gente era igual passarinho, comendo arroz. Hoje já é o contrário, o brasileiro come muito arroz, mas naquela época caçoavam da gente”, recorda, ao contar que o próprio cenário da cidade mudou bastante.

“Quando era rapazinho, estudante, a estrada era toda piçarra e as casas eram todas de madeira. A gente frequentava a aula daqui a 2 quilômetros, onde tinha um colégio, não havia nem bicicleta. Até tinha bicicleta, mas não havia possibilidade de comprar”.

“Nasci em Hiroshima, onde a bomba atômica acabou com tudo. Depois de 70 anos eu tive a oportunidade de visitar onde eu nasci. A minha irmã morava lá e me levou lá onde eu nasci, no interior de Hiroshima. Já estava tudo construído e recuperado”, conta.

“Agora lá no museu tem a foto das famílias que sofreram com a bomba atômica, queimadura. Uma coisa horrível”.

As transformações vistas hoje no município foram possíveis, segundo Hajime Yamada, a partir do fim da guerra e retorno à normalidade, quando o município conseguiu se desenvolver apoiado na cultura da pimenta-do-reino, que nos ajudou muito aí em Tomé-Açu”.

“Nasci em Hiroshima, onde a bomba atômica acabou com tudo. Depois de 70 anos eu tive a oportunidade de visitar onde eu nasci. A minha irmã morava lá e me levou lá onde eu nasci, no interior de Hiroshima. Já estava tudo construído e recuperado”, conta.

“Agora lá no museu tem a foto das famílias que sofreram com a bomba atômica, queimadura. Uma coisa horrível”.



Hoje, são pouquíssimas as construções do período do início da imigração japonesa para a cidade, como a sede da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu FOTO: IRENE ALMEIDA